

O COELHO DE ALICE E O COELHO DE CLARICE: ASPECTOS DA LINGUAGEM DE AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS, DE LEWIS CARROLL, EM O MISTÉRIO DO COELHO PENSAnte, DE CLARICE LISPECTOR

ALICE'S RABBIT AND CLARICE'S RABBIT – ASPECTS FROM THE LANGUAGE OF ALICE'S ADVENTURES IN WONDERLAND, BY LEWIS CARROLL, IN THE MYSTERY OF THE THINKING RABBIT, FROM CLARICE LISPECTOR

Dra. Maria José Ribeiro

Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Mestre em Educação - Ensino Superior - pela Universidade Regional de Blumenau (FURB)
Professora do Departamento de Letras da Universidade Regional de Blumenau (FURB)
E-mail: Mjr.tuca@gmail.com

O Coelho Maluco está levando Alice para a armadilha das dificuldades de significado.

Warren Shibles

Às vezes também Joãozinho fugia só para ficar olhando as coisas, já que ninguém levava ele para passear. Nessa hora é que virava mesmo um coelho pensante.

Clarice Lispector

Assim, Alice começou a lhes contar suas aventuras desde o momento em que viu o Coelho Branco pela primeira vez.

Lewis Carroll

RESUMO

O presente estudo pretende comparar o texto criado por Clarice Lispector em O Mistério do Coelho Pensante e a história assinada por Lewis Carroll, Aventuras de Alice no País das Maravilhas. Alguns aspectos da retórica nonsense de Alice podem ser observados no Coelho Pensante. São destacados nesta análise elementos que possam servir de elo entre as duas obras como o uso de paradoxos, o problema da identidade das personagens, a convivência com diferentes regras, a linguagem como jogo, a repetição, o uso incomum da linguagem, a presença/ausência de sentido, a apresentação de enigmas.

Palavras-chave: Coelho. Nonsense. Linguagem. Jogo. Identidade.

ABSTRACT

This study intends to compare the text created by Clarice Lispector in “The Mystery of the Thinking Rabbit” and the story signed by Lewis Carroll, “Alice’s Adventures in Wonderland”. Some aspects of Alice's nonsense rhetoric can be seen in the Thinking Rabbit. In this analysis,

elements that may serve as a link between the two literary texts, such as the use of paradoxes, the problem of the identity of the characters, coexistence with different rules, language as a game, repetition, unusual use of language, lack of meaning, the presentation of enigmas.

Keywords: Rabbit. Nonsense. Language. Game. Identity.

Este ensaio contempla a obra infantil criada por Clarice Lispector, “O Mistério do Coelho Pensante”, e a história assinada por Lewis Carroll, “Aventuras de Alice no País das Maravilhas”, partindo de aspectos da retórica nonsense que podem ser observados em ambos os textos. São destacados nesta análise elementos que possam servir de elo entre as duas obras como o uso de paradoxos, o problema da identidade das personagens, a convivência com diferentes regras, a linguagem como jogo, a repetição, o uso incomum da linguagem, a presença/ausência de sentido, a apresentação de enigmas.

O Mistério do Coelho Pensante, texto infantil da modernidade, e Alice no País das Maravilhas, de Carroll, obra inserida no contexto do século XIX, pertencem a duas estéticas que se relacionam, como destaca Myriam Ávila:

Os artistas modernos reconheceram o potencial artístico e revolucionário do uso radical da linguagem como instrumento, da manipulação lúdica de suas estruturas como portadora em si de significado. A capacidade de chocar pelo emprego não ortodoxo da linguagem foi a base da ruptura modernista com a arte anterior.¹

Mas o nonsense não pretendia chocar: “[...] o que faz do nonsense, nonsense é a cabal aceitação da convenção e do establishment, a par da impossibilidade de se restringir aos parâmetros deste.”² Acrescente-se que “[...] é portanto a consciência de sua própria poiesis que separa o moderno do nonsense.”³ Mas pode-se dizer que o nonsense antecipou, em vários aspectos, o que se conhece hoje como modernidade. Estudar tais elementos pode ajudar a entender a arte e o homem contemporâneo.

Foi perseguindo um coelho que Alice chegou ao País das Maravilhas. Um outro coelho, criado por Clarice Lispector, foi o fio condutor deste estudo. Trata-se do coelho pensante Joãozinho – que parece aludir ao coelho falante da literatura vitoriana. A autora/narradora apresenta o cotidiano de bichos domésticos aos seus leitores, em seus textos infantis. Na obra de Carroll há uma exótica galeria de bichos que se revelam a partir do encontro com a menina Alice.

O estilo de Clarice Lispector, marcado pela introspecção e melancolia, apresenta, no entanto, traços que conduzem a outras análises de sua narrativa, destacados, entre outros teóricos, por Benedito Nunes. Para esse estudioso “[...] o estilo de Clarice Lispector tem na

repetição o seu traço de mais largo espectro. Referimo-nos ao emprego reiterado dos mesmos termos e das mesmas frases [...].”⁴ Às vezes uma ideia é repetida durante todo o texto, como o fato de o coelho franzir o nariz para pensar. Em outros momentos, uma frase se repete, como quando a narradora explica a estrutura da casinhola do coelho: “E o tampo, Paulo, era de ferro pesado, só gente é que sabia levantar.”⁵, texto que aparece na página quinze do livro e “[...]o tampo era de ferro pesado.”⁶, na página dezenove. A expressão ‘natureza de’ é outra repetição marcante no livro em frases como: “[...]quando se tem natureza de coelho, a melhor coisa do mundo é ser coelho, mas quando se tem natureza de gente não se quer outra vida.”⁷

Em Carroll o uso da repetição é um interessante recurso estilístico como quando Alice exclama: “Para cima ou para baixo? Para cima ou para baixo?”⁸, referindo-se a própria mudança de tamanho. Sentenças são repetidas também ao longo do texto, como quando a rainha ameaça vários personagens com a ordem: “[...] corte-lhe a cabeça!”⁹A repetição pode também estar a serviço de outro recurso empregado por Carroll nas Aventuras de Alice: a alteração das regras gramaticais. Warren Shibles destaca o seguinte exemplo: “ ‘Mais impossível e mais impossível!’ exclama Alice. As regras gramaticais se alteram no estado de surpresa em que ela se encontra. Por que, entretanto, não dizer ‘mais impossível?’ [...] O Coelho, quando Alice lhe pede auxílio, ‘escapuliu para o escuro tão doidamente quanto pôde’ [...] O leitor toma consciência de maneiras alternativas de descrever o comportamento [...]”¹⁰E também abre-se à percepção de novas palavras como em: “[...]o Coelho Branco interrompeu: ‘Desimportante, Vossa Majestade quer dizer, é claro.’”¹¹

Alice, de Carroll, persegue um coelho num sonho. A narradora de O Mistério do Coelho Pensante convida o menino Paulo a entrar no mundo da imaginação: “Pois olhe, Paulo, você não pode imaginar o que aconteceu com aquele coelho.”¹² Lispector usa a memória para contar o que aconteceu. A memória assemelha-se ao sonho, no sentido de que é preciso reorganizar os fatos para compor um testemunho. Tanto no universo onírico como no mundo da imaginação somem as regras convencionais e surgem novas regras. Para Shibles, “[...]os eventos oníricos observam padrões diferentes dos padrões de eventos normais [...] As regras comuns de comportamentos aplicáveis aos objetos [...], aprendeu Alice, podem ser satisfatórias para os casos comuns, mas não ali – naquele lugar.”¹³ Alice bebera o líquido de uma garrafa com um rótulo escrito ‘beba-me’, ficara com 30 centímetros de altura e intuía a existência de novas regras. Em outro episódio, ao encontrar uma garrafa sem rótulo, decidiu bebê-la. Shibles assinala que a menina “[...]estava começando a orientar-se, na terra das regras estranhas. Bebeu sem importar-se com o que aconteceria, contanto que fosse interessante, fosse ‘vivido’, no sentido de Nietzsche.”¹⁴

Em *O Mistério do Coelho Pensante*, o menino Paulo é apresentado pela narradora a uma curiosa regra dos coelhos: “E para conseguir cheirar uma só ideia, precisava franzir quinze mil vezes o nariz.”¹⁵ O coelho Joãozinho “[...] lembrou-se de fugir cada vez que faltasse comida na casinhola.”¹⁶ Essa foi sua grande ideia e as crianças, donas do coelho, descobriram a regra que norteava o seu comportamento: “[...] foram notando que o coelho branco só fugia quando não havia comida na casinhola. De modo que nunca mais se esqueceram de encher o prato dele .”¹⁷ E eis que desta regra surgiu outra: “[...] acontece que Joãozinho, tendo fugido algumas vezes, tomou gosto. E passou a fugir sem motivo nenhum: só mesmo por gosto.”¹⁸ E a vida seguia assim: “Pouco a pouco a vida de Joãozinho passou a ser a seguinte: comer bem e fugir [...] Ele fugia, as crianças o agarravam, ele tinha comida, ele era muito feliz.”¹⁹ As crianças, a exemplo do que ocorre com Alice, adaptam-se facilmente à nova situação, passando a conviver com um coelho que fugia por razões que elas desconheciam.

Ao analisar as *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, Shibles questiona: “Qual a regra para definir a essência ou a natureza de alguém? [...] Como se pode definir uma pessoa?”²⁰ Clarice Lispector explica como é a natureza de coelho, de criança e de namorada, na obra em estudo, iluminando a questão da identidade dos seres: “Natureza de coelho é o modo como o coelho é feito. Por exemplo: a natureza dele dá mais filhinhos do que a natureza das pessoas.”²¹ Ou: “Enquanto isso as crianças, que não têm natureza boba, foram notando que [...]”²² E falando sobre a namorada do coelho Joãozinho, a narradora explica: “E o modo de coelha gostar é um modo sabido. Aliás quase toda natureza de namorada se parece um pouco.”²³

Carroll, em *Alice*, coloca a questão da essência de uma pessoa a partir do momento em que Alice diz: “Mas, se não sou a mesma, a próxima pergunta é: ‘Afim de contas quem sou eu?’ Ah, este é o grande enigma!”²⁴ Em *Alice* o problema da identidade é abordado também tomando-se a comparação do próprio ser com o outro: “[...] é claro que não posso ser Mabel.[...]”²⁵ E, no encontro de Alice com a Lagarta, Shibles assinala: “O que para Alice parece óbvio é contraditado pelo animal e por ele visto diferentemente. O problema é como pensam as lagartas. Sim, esse é o problema; porém também é problema saber como pensa qualquer outro que não a própria pessoa.”²⁶ Em *O Mistério do Coelho Pensante*, a narradora explica a natureza dos bichos. Em as *Aventuras de Alice* os bichos desconhecem o que seja uma menina. Na análise de Shibles, “[...] voltamos ao problema do que seja a essência de uma pessoa, quando a Pomba toma Alice por uma serpente.”²⁷ Afim, Alice estava com o pescoço comprido e comia ovos. Aqui o ser humano surge como enigma para o animal.

A trajetória de Alice no País das Maravilhas é marcada por enigmas, como o gato que desaparece aos poucos e o corvo que se parece com uma escrivãzinha. Em muitos momentos

Alice vê-se diante de indagações que constituem enigmas como esse: “Gostaria de saber se vou cair direto através da terra!”²⁸ No País das Maravilhas existem regras que não são aplicadas, como a que se encontra no livro do Rei: “Todas as pessoas com mais de um quilômetro de altura devem se retirar do tribunal.”²⁹ Para Shibles “[...] há leis que se assentam em crenças abandonadas [...] talvez essa seja a razão que leva o Rei a dizer ‘É a regra mais antiga do livro.’”³⁰ Nas aventuras de Alice ocorrem também adivinhações e charadas, como se pode observar no episódio Um Chá Maluco.

Lispector também propõe enigmas a seus leitores como quando pergunta como o coelho branco saía de dentro das grades. A autora rende-se ao mistério: “[...] até hoje não encontrei uma só criança que me desse uma resposta boa. É verdade que nem eu, que estou contando a história, conheço a resposta.”³¹ Para Shibles, “[...] não é necessário presumir que quem pergunta saiba a resposta, nem mesmo que haja resposta [...] talvez não haja uma resposta para todo enigma ou questão que possamos colocar. Muitas das indagações que filósofos e pesquisadores propõem são desse tipo.”³² A autora afirma também, na obra em análise, que o coelho adivinha tudo o que faz bem a ele, em termos de comida. E confere às crianças o dom de adivinhar, ao dizer que o coelho tivera uma ideia tão boa “[...] que nem mesmo criança, que tem ideias ótimas, pode adivinhar.”³³ É grande o impacto do enigma junto às crianças. Segundo Olga de Sá, estudiosa da obra de Clarice Lispector, uma leitora de sete anos escreveu para a autora e contou “[...] ter ficado franzindo o nariz como faz o coelho quando pensa. Não conseguira descobrir como o coelho escapara da casinhola. Pedia a Clarice que lhe contasse o segredo, ou escrevesse outro livro desvendando o mistério.”³⁴

As charadas remetem seus interlocutores ao mundo dos significados das palavras e expressões, um universo formado por jogos, paradoxos e pela presença e ausência de sentido. Para Wittgenstein, segundo Shibles, “[...] o significado de uma palavra corresponde a seu uso em um jogo lingüístico.”³⁵ Observe-se o seguinte diálogo: “‘Tome mais um pouco de chá’, a Lebre de Março disse a Alice, de maneira muito sincera. ‘Como ainda não tomei nenhum’ Alice respondeu num tom ofendido, ‘não posso tomar mais.’ ‘Você quer dizer que não pode tomar menos’ falou o Chapeleiro; ‘é muito fácil tomar mais do que nada.’”³⁶ Wim Tigges revela ser essa a essência do nonsense: “Its most essential characteristic is that it presents an unresolved tension [...]”³⁷ Para Tigges essa tensão é dada por “[...] a balance between presence and absence of meaning.”³⁸ O jogo do sentido, o querer dizer, revela-se ainda em diálogos como este: “‘Ora, se um peixe viesse me contar que estava saindo de viagem, eu diria: com que delfim?’ ‘Não quer dizer com que fim?’ perguntou Alice. ‘Quero dizer o que digo’ respondeu a Tartaruga.”³⁹ Ou este: “‘Sem tirar do quê?’ perguntou o rei. ‘Cin-ti-lar’, o Chapeleiro corrigiu. ‘Claro, sem tirar o chá do lar!’ disse o Rei rispidamente.”⁴⁰

Lispector cria uma espécie de charada ao definir seu personagem principal: “Se você pensa que ele falava, está enganado. Nunca disse uma só palavra na vida. Se pensa que era diferente dos outros coelhos, está enganado. Para dizer a verdade, não passava de um coelho.”⁴¹ A autora desloca as palavras de seu contexto habitual, conseguindo efeitos encantadores como em: “Você não reparou que nariz de coelho parece estar sempre recebendo e mandando telegramas urgentes? É porque ele compreende as coisas com o nariz.”⁴² Lispector brinca com o conceito de causalidade ao criar enunciados como: “[...] fico franzindo meu nariz bem depressa. Só para ver se consigo pensar o que um coelho pensa quando franze o nariz [...] quando franzo o nariz, em vez de ter uma ideia, fico é com vontade doida de comer cenoura.”⁴³

Outro elemento presente no texto de Carroll que se pode encontrar na escritura de Lispector é o paradoxo. Para Benedito Nunes, “[...] embora não situado no mesmo plano de importância da repetição, o paradoxo [...] constitui outro dos diferenciadores poéticos da prosa de Clarice Lispector.”⁴⁴ Em alguns momentos a oposição de ideias é sutil: “A coisa especial que acontecia com aquele coelho era também especial com todos os coelhos do mundo.”⁴⁵ Então nada de especial acontecia com o coelho da história? O mesmo aspecto contraditório surge com relação ao sorriso do gato de Alice, que é um sorriso sem rosto. É preciso que haja um rosto para se observar o movimento da boca num sorriso. Lispector cria oposições que se revelam em frases como: “Só o nariz dele é que era rápido, a cabeça não.”⁴⁶ Ou como: “[...] é meio bobo para pensar, mas não é nada bobo para fazer filhinhos.”⁴⁷ E ainda: “Nas suas fugidas também descobriu que há coisas que é bom cheirar mas que não são de se comer.”⁴⁸ Outras vezes a oposição faz-se com palavras, como em Carroll, quando o Rei raciocina: “[...] importante... desimportante... importante... desimportante [...]”⁴⁹ A intenção paradoxal efetiva-se na relação escritor-leitor. Jean-Jacques Lecercle assinala, sobre o nonsense: “There is indeed a dialogue between author and reader: the reader recognizes the will-to-say of the author, the fact that he means to say what he says[...]also recognizes the paradoxical contents of this intention of meaning.”⁵⁰

A comparação é outro recurso bastante utilizado por Lispector ao compor *O Mistério do Coelho Pensante*. Algumas delas com certeza não podem ser tomadas literalmente como: “[...] seu coração bateu tão depressa como se ele tivesse engolido muitas borboletas.”⁵¹ Ou: “A ideia que tinha cheirado era tão boa quanto o cheiro de uma cenoura fresca.”⁵² Lispector explica a natureza de coelho, comparando-o com outro bicho: “Coelho é como passarinho: se assusta com carinho forte demais, fica sem saber se é por amor ou por raiva.”⁵³ A autora/narradora compara também ações: “E foi aí que ele descobriu que gostar é quase tão bom como comer.”⁵⁴ Comparar é uma maneira de explicar, clarear um enunciado. Mas, como o nonsense relaciona-se com a

opacidade da linguagem e sua ambiguidade implícita tomada no conceito blanchotiano, Carroll compara sem explicar, em expressões vagas como “doido como um coelho em março”⁵⁵ Quando o autor aborda o tema da loucura, o Gato compara Alice a si mesmo: “[...]somos todos loucos aqui. Eu sou louco. Você é louca.”⁵⁶ Lecercle fala sobre a loucura, partindo da generalização feita pelo Gato: “The characters of nonsense indeed tend to be delirious – they go from eccentricity to raving madness. It is natural, therefore, that the game should inscribe the discourse of madness [...]”⁵⁷

Procurou-se aqui buscar alguns traços semelhantes entre as obras Aventuras de Alice no País das Maravilhas e O Mistério do Coelho Pensante. A conhecida história infantil de Carroll possui a marca do autor: a capacidade de, segundo Miryam Ávila, “[...] descortinar percepções agudas não só a respeito da época vitoriana, mas também de nosso tempo.”⁵⁸ Essa percepção do mundo é abordada por Clarice Lispector, muitas vezes, através dos animais, tanto em seus contos e romances, como em sua produção voltada para o público infantil. Benedito Nunes, ao estudar esse aspecto da narrativa de Clarice, comenta:

Sempre mais forte, a Natureza consente e tolera o mundo humano, e pode, de um momento para outro subvertê-lo. Nossa humanização é uma contingência permitida, sempre mal implantada na superfície – apenas uma fímbria – de uma realidade indomesticável. As forças objetivadas da existência como ser-no-mundo – os sistemas de cultura, a organização social, a História, que protegem essa contingência – resultado de uma primeira ruptura que nos tirou do seio da Natureza, onde estariam as raízes de nossa identidade, acham-se permanentemente expostas ao mesmo risco de desagregação.”⁵⁹

Para sondar o humano, Lispector, desenvolve uma escritura que problematiza as relações entre linguagem e realidade, e parte da história de um animal: um coelho. E a menina Alice imortalizada por Carroll, seguindo inocentemente um coelho passa a viver a aventura da linguagem que, por sua vez, constrói a aventura humana.

NOTAS

¹ ÁVILA, 1995, p. 22.

² ÁVILA, 1995.

³ ÁVILA, 1995.

⁴ NUNES, 1989, p. 136.

⁵ LISPECTOR, 1999, p. 15.

⁶ LISPECTOR, 1999, p. 19

⁷ LISPECTOR, 1999, p. 23.

⁸ CARROLL, 2002, p. 18.

⁹ LISPECTOR, 1999, p. 113.

¹⁰ SHIBLES, 1974, p. 32

- ¹¹ CARROLL, 2002, p. 117.
¹² LISPECTOR, 1999, p. 7
¹³ SHIBLES, 1974, p. 31.
¹⁴ SHIBLES, 1974, p. 38
¹⁵ LISPECTOR, 1999, p. 9.
¹⁶ LISPECTOR, 1999, p. 16
¹⁷ LISPECTOR, 1999, p. 20.
¹⁸ LISPECTOR, 1999, p. 21.
¹⁹ LISPECTOR, 1999, p. 22.
²⁰ SHIBLES, 1974, p. 31.
²¹ LISPECTOR, 1999, p. 14.
²² LISPECTOR, 1999, p. 20.
²³ LISPECTOR, 1999, p. 25.
²⁴ CARROLL, 2002, p. 21.
²⁵ SHIBLES, 1974, p. 33.
²⁶ SHIBLES, 1974, p. 40.
²⁷ CARROLL, 2002, p. 21.
²⁸ CARROLL, 2002, p. 13.
²⁹ CARROLL, 2002, p. 117.
³⁰ SHIBLES, 1974, p. 76.
³¹ LISPECTOR, 1999, p. 29
³² SHIBLES, 1974, p. 47.
³³ LISPECTOR, 1999, p. 17.
³⁴ SÁ, 1979, p. 245.
³⁵ SHIBLES, 1974, p. 121.
³⁶ CARROLL, 2002, p. 73.
³⁷ TIGGES, 1998, p. 51.
³⁸ TIGGES, 1998, p. 51.
³⁹ CARROLL, 2002, p. 101.
⁴⁰ CARROLL, 2002, p. 111.
⁴¹ LISPECTOR, 1999, p. 7.
⁴² LISPECTOR, 1999, p. 23.
⁴³ LISPECTOR, 1999, p. 30.
⁴⁴ NUNES, 1989, p. 141.
⁴⁵ LISPECTOR, 1999, p. 8.
⁴⁶ LISPECTOR, 1999, p. 9.
⁴⁷ LISPECTOR, 1999, p. 12.
⁴⁸ LISPECTOR, 1999, p. 27
⁴⁹ CARROLL, 2002, p. 117.
⁵⁰ LECERCLE, 1994, p. 190
⁵¹ LISPECTOR, 1999, p. 10.
⁵² LISPECTOR, 1999, p.10.
⁵³ LISPECTOR, 1999, p. 24.
⁵⁴ LISPECTOR, 1999, p. 27.
⁵⁵ SHIBLES, 1974, p. 42.
⁵⁶ CARROLL, 2002, p. 63.
⁵⁷ LECERCLE, 1994, p. 204.
⁵⁸ ÁVILA, 1995, p. 17
⁵⁹ NUNES, 1989, p. 131.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Myriam. **Rima e Solução**: poesia nonsense de Lewis Carroll e Edward Lear. São Paulo: ANNABLUME, 1995.

CARROLL, Lewis. **Alice**: edição comentada/Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Através do Espelho. Ilustrações originais, John Tenniel; introdução e notas, Martin Gardner; tradução Maria Luiza X. de A . Borges. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED., 2002.

LECERCLE, Jean-Jacques. **Philosophy of Nonsense**: the Intuitios of Vitorian Nonsense Literature. New York and London: Routledge, 1994.

LISPECTOR, Clarice. **O Mistério do Coelho Pensante**; ilustrações de Mariana Massarani – Rio de Janeiro: Rocco,1999.

NUNES, Benedito. **O Drama da Linguagem**: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática,1989.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes; Lorena: Faculdades Integradas Teresa D'Ávila,1979.

SHIBLES, Warren Wittgenstein. **Linguagem e Filosofia**.Tradução de Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota.São Paulo: Cultrix e Ed.da Universidade de São Paulo,1974.

TIGGES, Wim. **An Anatomy of Literary Nonsense**. Amsterdam: Rodopi, 1998. v.67.